

#62 Iluminação da Sabedoria Primordial - Final

– RI 2020

Lama Padma Samten

Bacupari 22/08 a 30/08

Revisão: Mônica Kaseker 18/11/2024

<https://www.acaoparamita.com.br/programa-de-treinamento-em-21-itens/> - #62

Este é um material transcrito a partir de ensinamentos orais de Lama Padma Samten. Ele é usado exclusivamente para apoiar os estudos e práticas dentro da sanga, pedimos não reproduzir em outros sites. O material está em constante revisão e melhoria; quaisquer erros encontrados são devidos às limitações das pessoas envolvidas na transcrição e na edição, e serão corrigidos assim que possível.

Caso tenha contribuições para melhorar esta transcrição, entre em contato pelo email repositorio.transcricoes@gmail.com

Tabela de conteúdos

- Iluminação da Sabedoria Primordial (continuação)
- Texto-Comentário de Dudjom Rinpoche (continuação)
 - 2. A Parte Principal, Gerando a Sabedoria Vipassana (continuação)
 - 3. Sustentar sua Continuidade em Meio à Ação
 - Dinâmica dos pensamentos.
 - Originação dependente
 - Impermanência dos referenciais
 - 4. Como a fruição é atingida
 - Paralelos
 - Bloco quatro
 - Foco e base
 - Vida e morte juntas em uma vida.

Iluminação da Sabedoria Primordial (continuação)

Texto-Comentário de Dudjom Rinpoche (continuação)

2. A Parte Principal, Gerando a Sabedoria Vipassana (continuação)

3. Sustentar sua Continuidade em Meio à Ação

Nós estamos olhando a prática preliminar, depois visão, meditação e ação. Sendo que visão nós dividimos em diferentes partes, três partes. Nós já cumprimos, visão e meditação, agora seria sustentar a continuidade da visão que foi aprofundada através da meditação, sustentar agora em meio à ação.

O texto raiz diz:

Quando a estabilidade ganha assim através da familiaridade na prática do equilíbrio meditativo não maculado pelo apego e fixação à própria sabedoria primordial da consciência nua e vacuidade

Este é um ponto super importante:

Não maculado pelo apego e fixação à própria sabedoria primordial da consciência nua e vacuidade. Relaxe na abertura ilimitada da claridade natural.

Aqui temos alguns controles de qualidade. Por exemplo, uma das críticas à noção da natureza primordial é justamente quando nós nos referimos à sabedoria primordial ou natureza primordial ou nós nomeamos Khadag, Lhundrup, Tzal, Lung, etc., é completamente natural que reifiquemos isso. Que nós apontemos isto como algo existente. Quando apontamos isto como algo existente, e eu começo a criticar aqui, não é que seja não existente. É que é naturalmente existente. Este naturalmente existente significa que não é um objeto separável de um observador que fala sobre ele. Se nós desenvolvermos esta visão separativa, nós estamos com defeito. É como se nós estivéssemos desenvolvendo um conceito – que é o que usualmente nós fazemos – e nós nos referimos a este conceito; e assim nós temos o defeito da separatividade.

Por outro lado, se eu disser que a própria natureza primordial é completamente inseparável de nós mesmos, eu aponto uma natureza primordial que é completamente inseparável de mim mesmo, mas eu sigo apontando algo como sendo separado de mim. Este defeito não é muito fácil de ultrapassar. Não é uma coisa fácil de ultrapassar. Especialmente porque quando nós contemplamos sobre isso, quando nós contemplamos esse obstáculo, nós começamos a nos dar conta que o sentido das palavras que nós estamos utilizando vem da linguagem como nós desenvolvemos. E essa linguagem é a própria linguagem da bolha. Quando nós construímos as frases e definimos sujeito, objeto, verbo etc., nós já estamos com tudo separado. Essa estrutura linguística já opera a partir da separação. Mesmo que eu diga que tudo isto é não separado, eu estou validando dentro de uma linguagem que só faz sentido dentro do próprio Samsara.

Estou com um problema. No caso do Zen este obstáculo é trazido dentro de um koan. Este koan é assim: se tudo se reduz à vacuidade – aqui nós estamos olhando [que] tudo se dirige a Dharmakaya, Dharmata e, se tudo converge a Dharmakaya, ou tudo converge à vacuidade – a vacuidade mesmo se dissolve no quê? Eles perceberam também. Ou seja, eu pego todas as formas e reduzo tudo aquilo à vacuidade, mas mestre Dogen percebeu, [que] quando começa a dizer “aí a vacuidade, a vacuidade e a vacuidade”, aí você constrói a vacuidade como se fosse uma existência.

Aí vem a pergunta: e a vacuidade se dissolve no quê? Quando nós somos pegos por esta pergunta, é porque realmente nós vimos tudo convergindo para a vacuidade. Agora se me dizem que a vacuidade enfim tem que se dissolver em alguma coisa, aí eu fico perturbado porque eu não gostaria que a vacuidade se dissolvesse. A vacuidade é meu absoluto agora. Mas ele é um absoluto tangível. Eu já tenho apego àquela vacuidade.

A resposta que nunca devemos dar dos koans é que, enfim, a vacuidade se dissolve na vacuidade. É um ponto muito interessante porque, por exemplo, se eu vou compreender profundamente o corpo eu compreendo o corpo onde? No próprio corpo. E a vacuidade? Como eu vou compreender profundamente? Eu vou compreender na vacuidade. Se nós olharmos com o olho profundo seja o que for, nós ultrapassamos também essas fixações. Aqui nós estamos vendo este cuidado:

na prática do equilíbrio meditativo não maculado pelo apego e fixação à própria sabedoria primordial da consciência nua e vacuidade,

Relaxe na abertura ilimitada da claridade natural.

Relaxar na abertura ilimitada da claridade natural não é algo conceitual, não é algo que pertença a sujeito, objeto, ou pertença a uma frase, não é uma explicação. É o exercício natural dessa liberdade ilimitada que nós vamos nomear como Khadag, Lhundrup, Tzal, Lung e Rigpa. Nós vamos chamar de sabedoria primordial. A base da sabedoria primordial, a essência da sabedoria primordial, o núcleo central da sabedoria primordial é:

relaxar na abertura ilimitada da claridade natural.

Assim nós substituímos a descrição de algo, de uma existência, como por exemplo, sabedoria primordial, nós substituímos isto pela experiência de relaxar na abertura ilimitada da claridade natural. Este relaxamento significa o quê? Nós abandonamos totalmente todos os referenciais usuais. Nós relaxamos. Nós não temos nenhuma construção. A mente comum quando se liberta dos referenciais comuns ela é a própria natureza lúcida. Consciência nua. E vacuidade. Relaxada na abertura ilimitada da claridade natural.

Na prática do equilíbrio meditativo não maculado pelo apego e fixação à própria sabedoria primordial da consciência nua e vacuidade, – na prática do equilíbrio meditativo – relaxe na abertura ilimitada da claridade natural

Que não é algo conceitual, não é nada causal. Não tem assim: eu faço isto, eu faço aquilo, aí puxo uma alavanca e ‘vupt’ aí aparece tal coisa. Não é assim. Não é construída. Também não é algo que possa se perder porque esta abertura está incessantemente disponível. Ela é o guru último. É o ponto de refúgio.

Relaxe na abertura ilimitada da claridade natural é uma boa resposta [para]: quando você toma refúgio o que você faz? - Para mim é simples: eu relaxo na abertura ilimitada da claridade natural. — Ah tá!

E o guru o que que é? É a abertura ilimitada da claridade natural.

É isto. E aí quando você quer aprofundar na meditação o que que você faz? — Ah, para mim é fácil, eu relaxo na abertura ilimitada da claridade natural.

E quando você está fixado na abertura ilimitada da claridade natural, o que que você faz? — Aí eu relaxo na abertura ilimitada da claridade natural.

Quando não dá certo o que que eu faço? — eu relaxo de novo na abertura ilimitada.

Esta é a nossa prática. É assim.

E em pós-meditação? "**Clin-clim**", voltou ao ambiente onde nós olhamos as coisas dentro de uma perspectiva dual. Então, em pós-meditação nós vamos operar com Dharmata, aliás, com a visão não-dual, que é a visão que percebe o Samsara e percebe o Nirvana inseparáveis. Este é o ponto que nós vamos relaxando dentro de Dharmakaya, nós olhamos todas as aparências como brotando desse processo. Nós não vamos, por exemplo, rejeitar as aparências. Nem vamos abandonar a abertura ilimitada da claridade natural. Nós vamos manter o reconhecimento das aparências que nos permite andar em meio aos mundos condicionados e cumprir a motivação Bodicita de trazer benefício aos seres.

Este é o nosso ponto.

Em pós-meditação reconheça aquilo que você percebe

Ou seja, aí começou[a] a surgir um tipo de pensamento dual.

São como os truques mágicos de um conjurador ou aparências de um sonho. Experienciando isto como luminoso e vazio. Sem visão separativa.

Ou seja, isto surge coemergente, não-dual com a própria mente.

Tomando isto como caminho – tomando esta visão como caminho – meditação e não-meditação, fundem-se inseparavelmente.

O que é a meditação? É abrir, usufruir a abertura ilimitada da claridade natural. Isto é meditação. Aí quando nós estamos diante das coisas nós vamos perceber que as aparências se tornam suporte

para o reconhecimento de como tudo surge. E nesse sentido nós vamos dizer que a meditação e a não-meditação, fundem-se de modo inseparável.

E tudo que surgir será liberado diretamente por si mesmo.

Ou seja, nós vemos como as coisas surgem de modo não dual com a própria mente.

E os pensamentos se tornam suporte favorável para a meditação.

Ou seja, as aparências se tornam itens de suporte para a lucidez que, enfim, é a prática da meditação.

No Sutra do Diamante nós vamos chamar de Tathata isto. Tathata é a posição da mente do Buda onde Samsara e Nirvana são inseparáveis.

Dinâmica dos pensamentos.

Se você acha que os pensamentos prejudicam a sua prática então olhe diretamente para quaisquer pensamentos ou movimentos surgidos na mente. E como ondas que se dissolvem de volta na água, eles desaparecerão sem deixar traços.

Novamente, os conteúdos que aparecerem quando estamos nesta abertura ilimitada, nós olhamos os conteúdos, eles aparecem e nós vemos como eles aparecem, mas nós naturalmente seguimos olhando todas estas aparências como manifestação luminosa. Nós não estamos dando sequência nem estamos tomando por base os pensamentos para criar novos pensamentos.

Nesse sentido, *como ondas que se dissolvem de volta na água, eles desaparecerão sem deixar traços.*

Porque eles não têm sequência. Os pensamentos naturalmente desaparecem. Mas o que acontece é assim: quando nós temos um pensamento, antes de[le] desaparecer ele serve de apoio para o pensamento seguinte. Que antes de desaparecer serve de apoio para o pensamento seguinte. Mas se nós não damos sequência a isto porque nós olhamos o pensamento a partir desta abertura ilimitada e reconhecemos aquilo, como não tem sequência os pensamentos desaparecem. Porque simplesmente o processo não segue.

Os pensamentos não são um conteúdo que fica parado. Eles são uma sequência de elaborações. A dinâmica dessa sequência de elaborações sendo interrompida, as aparências que surgem também desaparecem sem deixar traços.

Quando nós estamos pensando propriamente é isto que acontece. Porque o surgimento de uma base permite o aparecimento do pensamento seguinte. Mas quando o foco da mente se torna o pensamento seguinte, o pensamento anterior desaparece sem deixar traço e aí o pensamento seguinte se torna a base para o pensamento adiante. Ele também desaparece sem deixar traços e se liberando no outro. Como uma onda no mar. Exatamente. A onda... a água sobe e desce e a onda passou.

Se você acha que os pensamentos prejudicam a sua prática então olhe diretamente para quaisquer pensamentos ou movimentos surgidos na mente. E como ondas que se dissolvem de volta na água, eles desaparecerão sem deixar traços. Ao ganhar uma certeza clara e decisiva que os pensamentos são sem base ou origem.

Originação dependente

Eu acho que aqui essa “certeza clara e decisiva” é beneficiada se nós contemplarmos a originação dependente. É importante que nós também entendamos que os pensamentos não são sem base. Eles não são aleatórios. Eles têm um conjunto de referenciais e este conjunto de referenciais produz a sequência dos pensamentos. Essa é a compreensão da origem dependente.

Na dependência dessa base os pensamentos correm numa certa direção. Se diferentes pessoas estão operando na mesma base, é muito provável que elas tenham pensamentos semelhantes.

A originação dependente, ao mesmo tempo que dá uma consistência para os pensamentos, nos permite entender a objetividade possível nos pensamentos, como eles operam dentro de estruturas. Na medida em que conseguimos entender isto, essa visão [se mostra como] não é absoluta porque nós entendemos que aquilo pode surgir, mas quando surge, surge pela luminosidade da mente. Não é pelos referenciais que nós estamos tomando que as conclusões necessariamente vão naquela direção.

Nós podemos construir, diante daquele quadro, nós podemos construir em direções diferentes. Nós sempre temos uma liberdade, mas quando nós construímos desdobramentos de pensamento, todo desdobramento de pensamento está referido a um conjunto de elementos que tomamos por base.

Se nós não entendermos isso pode parecer que a crítica com respeito à vacuidade das aparências seja uma crítica que nos desabilita dos meios hábeis de andar em meio ao mundo referenciado, ao mundo ilusório. Mas o mundo ilusório tem estruturas que nos permitem raciocinar e nos permitem ensinar aos outros o que ver e como fazer e como aquilo é referenciado. Ele não é um mundo aleatório. É um mundo justificado pelos referenciais [em] que ele se baseia. Esses referenciais, por sua vez, não são fixos. Eles, por sua vez, estão baseados em referenciais anteriores que deram origem então aos referenciais atuais. Nós vamos olhando assim. De tanto em tanto nós, culturalmente assim mesmo, em visões coletivas, nós podemos recuar a imagens anteriores e refazer aqueles referenciais e partir dali novamente outras direções.

Ou seja, os referenciais anteriores ainda que possam ter operado por trezentos anos, quinhentos anos, eles de repente podem ser refeitos. Porque os referenciais todos eles são vazios. Eles são vazios, são construídos. Mas eles existem. Como uma construção vazia. Mas esta construção vazia nós usamos por base para ir adiante. Quando nós estamos operando num mundo condicionado precisaríamos entender que não é algo aleatório. Nós temos referenciais. Estes referenciais dão uma aparência de causalidade, uma aparência de solidez ao que nós pensamos e o que nós fazemos.

Mesmo que nós trabalhemos com a noção de solidez, de clareza com respeito ao que fazemos etc., esta lucidez, essa clareza não é real. Mas é a clareza que nós estamos utilizando. Isso é paradoxal. Mas é importante entender esse ponto.

Impermanência dos referenciais

Ao ganhar uma certeza clara e decisiva que os pensamentos são sem base ou origem.

Vocês não tomem isto como absoluto, não tomem isto de um modo hostil. Os pensamentos não são sem base ou origem. Eles têm uma base que é construída. Só que esta base não é real. Mas ela está construída. É mais ou menos assim: o Brasil foi descoberto em 1500. Todo mundo aprendeu na escola isso. Hoje quando nós olhamos esta expressão ela parece estranha para nós. Parece bem estranha. Porque nós podemos começar a olhar isto com outros referenciais.

Nós podemos, por exemplo, dizer [que] os europeus chegaram no Brasil em 1500. Os europeus criaram o Brasil, o conceito de Brasil a partir de 1500. Uma coisa assim. O encontro dos europeus com o Brasil ainda não se consolidou não se resolveu ainda. Este encontro ainda está vivo e não temos uma clareza. O próprio país está em construção. A imagem do país ainda está em construção. Podemos começar assim.

Aí, o Brasil atingiu independência ... foi declarada a independência do Brasil em tal data. Aí quando nós começamos a olhar, nós podemos ressignificar isto tudo. Ressignificar significa que nós pegamos aqueles referenciais e vemos a limitação daqueles referenciais. Quando nós vemos

as limitações destes referenciais passamos a usar progressivamente outro conjunto de referenciais para entender o que que vai acontecendo.

Nós vamos dizer [que] no final do século XIX foi decretada a lei Áurea, a extinção da escravidão no Brasil. Mais ou menos. E aí segue. Não é que estes pensamentos não existam. Eles existem e dão sentido às coisas todas. Só que eles são limitados. E de tanto em tanto nós vamos olhando de forma mais profunda e substituindo estes referenciais por outros.

Nestes dias que estamos vivendo agora é muito interessante porque dentro do processo de dissolução dos referenciais nós estamos vendo as pessoas jogando estátuas de grandes seres no mar. Derrubando as estátuas de grandes seres que eram escravagistas, traficantes, pessoas que eram tidas como heróis. Mas de repente as pessoas olham de novo, elas não veem nenhum herói ali. Mas eles eram tão heróis que até apareceram estátuas. Mas nesse momento as estátuas caem. Por que as estátuas caem? Porque os referenciais correspondentes caem também. O aspecto sutil cai.

Então,

Olhe diretamente para quaisquer pensamentos ou movimentos surgidos na mente. E como ondas que se dissolvem de volta na água eles desaparecerão sem deixar traços. Ao ganhar uma certeza clara e decisiva que os pensamentos são sem base ou origem

Ou seja, ele está se referindo ao aspecto luminoso.

sua prática progredirá mais facilmente.

Quando estivermos entendendo tudo através da originação dependente nós vemos que a essência da origem dependente é o aspecto luminoso. Que é isto que ele está trazendo.

Em resumo, em toda a sua atividade diária não deslize em direção ao pensamento comum e confusão.

E aí também eu acho superimportante que nós logo localizemos o que seria “pensamento confuso, pensamento comum e a confusão”. O que é isto? Isto é seguir a origem dependente. Ou seja, surge um pensamento, que serve de base para outro pensamento, para outra criação luminosa, que serve de base para outra criação luminosa e assim nós vamos. Isto é o pensamento comum mobilizado e na sequência ele produz essas imagens, essas imagens são avaliadas por Vedanas, ou seja, nós gostamos ou não gostamos. As imagens que a gente gosta, guardamos, desenvolvemos apego. As que não gostamos nós desenvolvemos rejeição.

Tomando as imagens que geram apego e as imagens que geram rejeição e as imagens que são neutras, nós tomamos isto por referencial, isso impulsiona Upadana. Ou seja, impulsiona as ações volitivas que são a sequência dos nossos pensamentos. Nós entramos por uma sequência prática, agora eu vou fazer tais coisas e não vou fazer outras coisas porque isso me agrada e aquilo não me agrada.

Mas vamos pensar um pouquinho, isso veio de Vedana que veio das imagens. Esse é o pensamento confuso. Estou preso dentro disso até o ponto onde eu movimento a própria energia para produzir o funcionamento que é Upadana. E quando Upadana está operando nós temos uma sensação de nascimento, de gestação, de consolidação da nossa identidade. Que surge num mundo no 11º elo. Que é onde nós estamos.

Milagrosamente o Buda aparece no nosso 11º elo, utiliza nossa linguagem comum e apresenta os ensinamentos.

Em resumo, em toda a sua atividade diária não deslize em direção ao pensamento comum e confusão.

Enquanto nós estamos meditando fica mais fácil de ver isso. Nós podíamos estar meditando repousando nessa abertura ilimitada. Mas surgem imagens e o que que é o movimento da mente? O movimento da mente é tomar as imagens surgidas por base [que] impulsionadas por desejo e apego nós produzimos outras imagens e outras imagens e outras imagens.

Se nós tivermos papel e lápis aqui nós vamos começar a anotar as boas ideias para depois poder seguir. Aí a nossa prática se torna criação de imagens que correspondem a ações que nós vamos terminar fazendo no 11º elo e nós vamos seguir fazendo e vamos seguir fazendo e essas ações vêm sequencialmente. Dentro delas têm passado, presente e futuro. Tem uma decorrência de tempo. Logo enquanto nosso corpo envelhece nós temos o máximo de ações que nós vamos fazer. Aí quando nós estamos chegando no tempo esgotado – 12º elo – nós temos a sensação de que houve alguma coisa que não andou direito. Nós lembramos que “Há! Mas o Buda disse: em sete dias...”. é pedir “Doutor, é assim. Sete dias dias. Não mais do que isto. Tudo bem?” Aí tempo esgotado. Nós vamos olhar assim.

Eu acho que não é uma boa propaganda: sete dias. Aí a pessoa: “Há! Sete dias, eu tenho tempo. Agora eu vou fazer as coisas urgentes. Importantes. Depois, em sete dias eu resolvo. Há!”

Em resumo, em toda a sua atividade diária não deslize em direção ao pensamento comum e confusão. Mas treine na yoga contínua como um rio da não-distração e não-apego. E você ganhará perfeita familiaridade.

Naturalmente aqui é descrito deste modo. Eu acho maravilhoso, mas, ainda assim, nós vamos ouvir críticas a isso. Quais são as críticas aqui? A crítica é assim: você não tem nada para fazer. Não pense: treine na yoga contínua como um rio da não-distração e não-apego. Aí a pessoa fica assim [travado]. E você – “Há há! - ganhará perfeita familiaridade” e “Hô! Atingirá o máximo”.

Se você tiver esta sensação aí você está novamente preso dentro do samsara. Então, estas palavras facilmente geram uma intencionalidade que, aparentemente, apontam para uma vitória de uma identidade.

Mas tudo bem. Essa é a linguagem inevitável. Aí em lugar de falar Dudjon Rinpoche poderia ter dito “Om, om, om, om, om, ah, ah, ah” e pronto. Ele vai falar alguma coisa, vai falar onde? Vai falar na linguagem nossa. Fazer o quê. Então ele diz: “recitem om ah hung vajra guru padma sidi hung”. “Om Gate gate paragate parasamgate bodhi svaha”.

É assim. Não tem o que dizer. Mas há mestres que criticam. Mesmo esta posição assim:

— Treine!

— Sim, eu vou treinar.

— contínuo ((aqui seria o Contínuo com caixa alta???) como um rio

— Me explique melhor, por favor. Como é que é isso?

— Não distração, não-apego

E você assim: Eu ganharei perfeita familiaridade.

Eu queria ganhar a iluminação, mas aqui ‘perfeita familiaridade’ já serve.

4. Como a fruição é atingida

Aí vem o quarto item: como a fruição se manifesta.

Dentro desta crítica tem os grupos do Zen que olham estes pontos e eles vão dizer: e vocês ((vão???)) fazer o quê? Eles dizem: nós não fazemos nada. [risos] Nada? É, nada. Você estão aqui fazendo o quê? Nada!

Eles estão com um problema. Estão fazendo nada. Não. Vocês deviam fazer alguma coisa. Não, não! Nós fazemos nada!. Eles estão fixados no nada. Eu posso me fixar em alguma coisa, que é treinar na abertura, etc. a não distração como um rio. Ele diz não, eu vou fazer uma coisa mais perfeita. Eu faço nada. - Não faça alguma coisa. Não! eu faço nada!

Mas você está apegado um pouco a este nada. - Não, isto é o nada!. - Então tá! Estamos todos bem.

Então é fácil a gente se ((???)) apegar a alguma coisa que é preciso fazer ou se apegar a não fazer nada, não fazer coisa alguma que precisa ser feita. É assim.

Mas, então, não é isto que vai resolver. O que vai resolver é esta experiência não cognitiva desta abertura natural que é incessantemente presente e está no meio de toda e qualquer experiência; mesmo as experiências da originação dependente. A yoga contínua como um rio é simplesmente ter isto presente como a visão de mundo. Os nossos referenciais. A visão de mundo. É a mandala. A mandala não é algo que eu penso sobre ela. A mandala está automaticamente presente. Cada vez que nós nos movimentamos onde é que nós nos apoiamos? Na mandala. Então, se eu tiver, por exemplo, dentro do samsara e pegar estas palavras todas eu crio um regime militar que me leva numa certa direção. Não vai adiantar.

Então, aqui se dá pela liberdade natural e não pela fixação seja a que for. Se a pessoa se fixar, mais adiante seguindo os ensinamentos ela se libera. Mas aqui tem esses detalhes.

Então, essa yoga contínua como um rio, nós poderíamos descrever como a Mandala Primordial incessantemente presente que sempre esteve disponível, que nunca deixou de estar disponível.

Aí vem o quarto. Quais são as secções ((ou seções???)) deste texto? ((verificar no áudio se é pergunta)). Ela tem duas partes. A primeira parte é a parte preparatória, a segunda parte é a parte principal que é Vipassana, sabedoria. Então a parte preparatória é Shamata. A parte principal é visão, meditação, ação, fruição. Então nós já olhamos visão, meditação e ação.

Agora nós estamos entrando na última parte da parte de sabedoria que é como a fruição se manifesta. Como ela se apresenta. O texto raiz diz:

tendo superado completamente todos os fenômenos ordinários, comuns o glorioso Heruka se manifesta.

Superar os fenômenos ordinários nesta linguagem que eu tenho usado é manter este fluxo; na linguagem do texto é manter este fluxo como de um rio. Contínuo como um rio. Na linguagem como eu tenho utilizado é a mandala. Se nós estamos presentes dentro da mandala, é a clareza deste aspecto primordial que não é um pensamento. Mas é a base pela qual os pensamentos se referenciam. Então, esta base é o próprio espaço básico.

Então, isto significa ter superado completamente todos os fenômenos ordinários, ou seja, nós não pegamos nada que seja construído.

A ausência de qualquer construção para ser tomada como base é a superação dos fenômenos ordinários.

E assim o glorioso Heruka se manifesta. Ou seja, aí brota a lucidez correspondente. Que nos permite andar de forma efetiva em samsara e nirvana.

Como é dito, sua própria experiência de rigpa, que é a condição búdica

Então, aqui as palavras vão traindo. Porque quando se diz “sua própria experiência de rigpa” aqui tem alguém. Então, melhor seria a própria experiência de rigpa ou como é dito:

Rigpa, que é a condição búdica espontaneamente perfeita que nunca experimentou a delusão, é obscurecida por pensamentos temporários deludidos ligando-se a coisas como se fossem reais.

Quando no texto diz “sua própria experiência de rigpa”, nós precisamos entender que aqui nós estamos dizendo: mesmo que você surja como uma pessoa do samsara, que você se veja como a manifestação comum, ainda assim não há uma separação. Então você é portador, você carrega em si esse aspecto que nunca desaparece que é rigpa. Então

Como é dito sua própria experiência de rigpa que é a condição búdica espontaneamente perfeita que nunca experimentou a delusão é obscurecida por pensamentos temporários deludidos.

Então aqui a gente pensa “Báh! Rigpa entrou numa fria. Como que a natureza última entra numa destas? ((confirmar se é pergunta)). Páh! E ((E aí mesmo ou seria É aí???) aí.”

Então este ponto nós precisaríamos olhar de uma forma que absolva Rigpa. Que é a forma usual. Porque Rigpa nos permite desenvolver a visão comum da realidade. Mas isso não é alguma coisa necessariamente negativa. Precisamos entender a inseparatividade entre samsara e nirvana. Que vem desta compreensão de que Rigpa termina surgindo como a lucidez dos mundos condicionados. Lucidez comum dos mundos condicionados.

Por exemplo: nós, de forma lúcida, pensamos “eu vou construir uma artificialidade aqui. Nós vamos riscar uma cancha aqui, fazer uma goleira ali, uma goleira aqui e nós vamos jogar um jogo”. ((confirmar se as aspas terminam mesmo aqui)) Então, eu permito que agora nós entendamos quem é que está ganhando, quem é que está perdendo, quem é que joga de um lado, quem é que joga do outro, quais são as regras, começou o jogo e aquilo funciona.

Esta inteligência lúcida é que vai gerir este funcionamento todo. Agora, a obscuridade que vai surgir, o obscurecimento, é o surgimento deste ambiente de tal modo que nós só conseguimos construir daqui para diante. Nós não conseguimos dissolver esta aparência que foi construída. Então, essa aparência que foi construída segue surgindo como referencial para outros processos que nós vamos desenvolvendo.

Mas quando nós temos o reconhecimento desse funcionamento, então, isso é a purificação das obscuridades. Mas quando nós pensamos assim: a experiência de rigpa que é a condição búdica espontaneamente perfeita que nunca experimentou a delusão, isto está completamente correto. Ela é obscurecida. Ela não fica presa. Ela é obscurecida. Este obscurecido é: nós tomamos estes referenciais e ela começa a operar por dentro dos referenciais.

Ligando-se às coisas como se fossem reais. Ela assume isto.

E esta delusão é reforçada pela visão de fazer esforço para ganhar algo vindo de fora.

Que é o panorama do jogo. Se nós estamos operando pelos 12 elos nós temos a sensação de realmente ganhar alguma coisa que é Upadana, Nós estamos fazendo esforços pra ganhar.

mas quando pela bondade do Lama

Aqui isto apresentado assim no texto está se falando o aspecto Nirmanakaya. É o aspecto pessoal, ou seja, surge alguém e manifesta isso. Só que esse alguém se movimenta pela mente de Tcherenzig ou seja, por bodicita. E se movimentando por bodicita ele está operando com o aspecto primordial na base. Então, aqui é uma mente que está operando a partir do refúgio na natureza primordial. Então, aqui não é alguém. Aqui é a lucidez primordial manifestando bodicita de algum modo que apareça aos seres como algo tangível.

Mas quando pela bondade do Lama você diretamente é introduzido à própria face do Dharmakaya, e sustenta naturalmente a liberação primordial sem esforço vê isso, então sem ganhar algo novo - porque aquilo já estava presente - você chega à própria condição natural.

Aqui seria interessante dizer que este chegar à própria condição natural significa [que] a identidade evapora.

que tem estado sempre presente. Exatamente como ela é. A isto é que nos referimos como fruição. Uma vez que você venha a investir-se neste estado de Heruka

Ou seja, uma vez que você morreu, morreu enquanto identidade, você está operando desse modo livre,

uma vez que você venha a investir-se neste estado de Heruka que permeia inteiramente tanto o samsara como o nirvana, sem esforço você manifestará espontaneamente as infinitas formas de atividade iluminada.

Aqui seria mais ou menos assim: uma vez que você entendeu isso, agora está na hora de praticar essas infinitas formas de atividade iluminada, ou seja, faça sua prática. Uma vez que isto seja entendido, nosso papel seria olhar em todas as direções e reconhecer as múltiplas expressões como forma de atividade iluminada.

Isto seria contemplação.

Então, o próprio Buda como se diz no sutra do diamante, como esta no texto do sutra do coração, o Buda está praticando essa visão que olha os darmas. Enquanto Tchrezing vai dar os ensinamentos.

Então, ele está fazendo a prática. Isso é chamado A Grande Iluminação. Ele está praticando a grande iluminação. Ele está olhando os darmas como darmas.

Uma vez que você venha a investir-se neste estado de Heruka que permeia inteiramente tanto o samsara como o nirvana, sem esforço você manifestará espontaneamente as infinitas formas de atividade iluminada.

Então aqui, nós chegamos no final desse texto, e este texto como você estão vendo, ele culmina com isto que é chamado de fruição, que é o exercício natural sem esforço do aspecto último. Isto corresponde ao oitavo passo do nobre caminho.

Sama samadi, a visão mais elevada. Samadi mais elevado. Samadi, aqui não como alguma coisa construída, mas como a condição última. Sem nenhum tipo de construção.

Então, é como se nós tivéssemos aqui chegando no final do nobre caminho de oito passos que por sua vez é a quarta nobre verdade.

Então, nós olhamos com cuidado Sati, através do prajnaparamita e através dos oito pontos do prajnaparamita, através do sutra do diamante. Antes nós olhamos shamata e as instruções de diana. E aí nós olhamos tudo que veio antes de nós podermos sentar. Que são as práticas preparatórias. As práticas preliminares. Que incluem os 5 primeiros passos do nobre caminho de 8 passos. Que é a motivação, que é um dos passos. Três passos relacionados a evitar ações não virtuosas. E um passo voltado a trazer benefício aos seres diretamente. Quando isso amadurece nós conseguimos sentar.

Enquanto isto não amadurece nós estamos muito vulneráveis a todo tipo de atração e aversão que surge dentro do mundo ilusório onde nossas identidades se fundem. O mundo que surge não dual com nossas próprias identidades. Então, enquanto nós não purificarmos essas relações, através dos 5 primeiros passos, sentar é algo muito rápido, muito transitório, porque nós estamos cheios de

coisas que nos atraem. Aí quando nós sentamos nós praticamos shamata, e aí nós fazemos a instrução de deixar cair corpo e mente que é diana, efetivamente.

Na sequência, nós vamos olhar as aparências. Nós vamos desenvolver Sati – lucidez. Que enfim é Rigpa, e Prajna, Sati e nós vamos então, a partir disso, reconhecer o aspecto primordial, depois nós olhamos por todos os lados e aí nós olhamos para dentro.

Quando nós fazemos essa viagem pra dentro, nós vamos entrar no oitavo passo que aqui está descrito na Iluminação da Sabedoria Primordial, luz da sabedoria primordial.

Então, nós concluímos esta etapa. Eu considero que esta etapa é o final do bloco 2 dos 4 blocos. Isto eu acho estranho porque o que que pode ter depois disso. Não tem mais nada. É evidente que não tem mais nada. Mas tem.

Porque é assim: esse bloco 2 o Buda vai até a iluminação dele, sentado. Aí vem Brahma e o Buda pensa: não tem muito o que fazer. Como é que eu vou endireitar isso. Tipo: isto é um paciente terminal. Você abre ele olha assim. Páh! Não tem o que fazer. Vou costurar aqui e vai terminar. Não tem como. Examina o paciente: não tem solução. Cuidados paliativos agora.

Mas surge Brahma, criador do mundo no panteon hindu de onde o Buda mesmo surge, de onde ele nunca se afasta, e pede para ele ajudar os seres porque há alguns seres que têm a capacidade de atingir liberação disso. Aí o Buda se dá conta que é isso mesmo.

Naturalmente o Buda não segue esse caminho que ele mesmo descreve. Quando nós vamos olhar a história do Buda, nós vemos que o Buda se pergunta: o que que aconteceu? E aí é que ele se dá conta dos 12 elos da origem dependente. Aí que ele entende isso. Então depois da iluminação ele fica um tempo ainda recolhido até então ele se levantar e se dirigir. Aí que ele vai falar sobre as 4 nobres verdades. Mas ele não começa, ele não sai do palácio pensando: primeira nobre verdade, segunda nobre verdade. Não, ele descobre tudo de uma forma direta. Aí depois que ele usa essa lucidez que veio da própria iluminação, ele contempla o mundo aí fica claro para ele como que ele vai explicar e ajudar os seres.

Paralelos

Então, eu penso que eu vou seguir agora contemplando outras explicações também com respeito a esses pontos finais a partir do sexto passo do nobre caminho. E meu objetivo nisso é deixar um pouco mais claro também unir diferentes visões e com isso de algum modo também estabelecer uma linguagem que praticantes que estão fazendo prática de outros tipos que eles também possam desenvolver essa proximidade.

Bloco quatro

Aí nós vamos indo. Eu acho que a parte dos blocos seguintes eu vou tratar num outro retiro. Porque é muito diferente. Por exemplo, o bloco quatro é uma outra coisa. Porque é como que nós vamos com a primavera gerar uma terra pura.

Então, mesmo na visão do Zen nós vamos encontrar esses mestres que tem esta clareza que eventualmente no século 21, talvez um outro tipo de sociedade, um outro tipo de ser humano possa surgir e nós poderíamos nos beneficiar disso. Então eu acho que esta é uma parte interessante porque nós temos, por exemplo, o ensinamento que vem, aqui como nós estamos olhando, que é o ensinamento baseado no foco da mente. Foco da mente. Mas nós temos também os ensinamentos que brotam com a constituição da própria base a partir do qual nós raciocinamos. Então, quando nós vamos olhar o bloco quatro, existem outros meios hábeis que nós podemos utilizar. Então, esses outros meios hábeis eles incluem o estabelecimento da visão natural. Por exemplo, como que as crianças nesse momento junto com pais, com todo mundo, como que eles nesse momento eles sentem que tem que ganhar a vida, eles têm que estudar, tem que se preparar para o vestibular ou para o Enem, e tem que isto, e tem que aquilo. De onde que brota isso.

Foco e base

Nós não chamamos eles e diz: agora você pensa. Recite: Enem é importante, Enem é importante. Nós não botamos eles: agora, você relaxa, respire firme, assim, cruze as pernas, e diga: “eu vou me classificar bem no Enem”. Nós não usamos isso. Porque não precisa. Como é que a mente das pessoas toda é dominada. A mente das pessoas todas é dominada pela base e não pelo foco.

Então, quando nós pensamos em trazer benefício aos seres, superimportante entender que o foco é muito importante mas a base é muito importante. Então se nós desenvolvemos visões de mundo que são favoráveis, se dirigem a terra pura, as pessoas naturalmente vão se comportar desse modo sem precisar foco, sem precisar treinar o foco. Porque simplesmente é assim. Até hoje o Gabriel nunca tinha cozinhado todos os dias. Mas ninguém chegou e: “Gabriel, assim, você vai passar por treinamento, Agora você medita: eu vou cozinhar, eu vou cozinhar, eu vou cozinhar. Aí você inspira e expira, guarda a energia e aprende. A energia só no cozinhar”. Não precisa. É assim. Nós temos um contexto, e o contexto faz isso acontecer.

Então, a definição da base que poderíamos chamar ‘base contaminada’ a partir do qual a mente opera o foco, é um ponto crucial. Ele é um ponto aberto. Nós ficamos treinando um foco é pouco. Porque o foco fica lutando contra a base. Por isso que as pessoas não progridem. Porque o foco não está harmônico à base. Aí nós precisamos trabalhar o foco e a base. E o foco flui naturalmente por dentro da base. Flui naturalmente.

Então, como é que a base pode ser mudada. A base é mudada pela primavera. Ou seja, uma flor cria a primavera em todas as direções. Então, este é o ponto. Este é o mestre Dogen fazendo transformação do mundo a partir do poder da flor. Está tudo gelado, mas o velho tronco produziu uma flor. Quando nós vemos a flor no velho tronco nós sorrimos. É a primavera. Continua tudo gelado. Mas agora já é o tempo da primavera. Aí o mestre Dogen diz: quando o tempo é a primavera, em toda direção que nós olharmos o que que nós vemos? A primavera! É assim. Então, esse é o processo pelo qual a base se estabelece.

Então, esse é um ponto muito interessante.

Aqui tem um mestre, Uchiyama Roshi. Ele vai descrever assim – Ele é uma pessoa superinteressante. Ele nasceu em 1912 e faleceu em 13 de março de 1998 com 85 anos. Foi aluno direto de Kodo Sawaki Roshi. Ele foi abade de Antaiji, que é um templo que foi fundado em 1912 baseado num leigo que aspirou ajudar a produzir eruditos que fossem praticantes hábeis, lúcidos, que pudessem expor os ensinamentos da linhagem Sotozen na sociedade moderna. Aí, Kosho Uchiyama Roshi foi também presidente da universidade Soto Shu que hoje é a universidade de Komazawa.

Aqui é uma parte que descreve os dias finais dele: Ele diz “a minha prece: nesse século XXI do tempo das massas – ou seja muitas pessoas – eu rezo pelo dia quando a sabedoria última possa operar nos seres humanos. E que nós possamos nos tornar conscientes que a inalação e exalação são uma respiração.”

Não é que [...inspirando...] seja uma. É assim: existe um único fluxo constante de tudo, que é a luminosidade última. Então ele vai chamar ‘uma respiração’. Que a inalação e exalação elas não pulsem como se fossem separadas. Mas tudo isso se dá num único brilho incessante.

Vida e morte juntas em uma vida.

Vida e morte juntas em uma vida que não respira. Ela vem incessantemente presente.

E um protótipo completamente novo de ser humano vivendo vividamente da verdadeira força de vida como ela é, e que inclui a vida e a morte. E que brilha luminosamente desde a profundidade da vida.

Então que este protótipo completamente novo do ser humano, que viva vividamente da verdadeira força vital como ela é. Que inclui a vida e a morte. E que brilha da profundidade da vida.

Que isso possa se manter de modo brilhante para as pessoas do século XXI. E que a vida e a morte que elas possam se manter brilhantemente para as pessoas da vida e da morte para a vida e a morte das pessoas do século XXI. E que estejam sempre junto com todos os seres.

Isso é uma visão de mundo que ele acredita possível, um novo ser humano. Eu acho interessante porque nós pensamos: o [praticantes] Zen em princípio mergulham em alguma meditação e [gesto de 'seguem adiante']. Mas isto corresponderia a bloco 4 como se ele aspirasse uma outra coisa muito ampla. Aqui ele também tem o último poema dele:

Gassho [gesto de inclinar-se]: ponha a mão direita e a mão esquerda juntas como uma única e apenas se incline. É como se ele estivesse se despedindo da vida. Último poema dele. Apenas se incline e se torne um com o Buda. Isto é como se nós tomássemos refúgio, nos tornássemos inseparáveis, reconhecêssemos a natureza búdica em nós totalmente inseparada do Buda. Então nós juntamos as mãos e nos inclinamos. E reconhece essa unidade.

Aqui ele usou a palavra Deus. Ele disse e apenas se incline e se torne um com Deus/Buda. Então ele é um dos mestres que quis essa união das linguagens. Então ele está trazendo essa visão. E apenas se incline para se tornar um com tudo. Apenas se incline para se tornar um com toda a miríade de coisas. Ou seja, ele está vendo que a miríade de coisas e de seres manifestam a natureza búdica. Ele está vendo isso. Apenas se incline no caminho em que a vida se torna a vida. Ou seja, a vida que flutua com a respiração que vem e vai se transforme na vida além da vida e da morte. Que seja vista assim.

Aí tem um aluno dele comentando: o seu próprio meio de vida sempre focou na realidade da vida que inclui todos os seres do universo. Esse é o Shohaku Okamura.

Eu tenho olhado esses textos agora porque eu pedi para o Kaz Sensei ajudar neste processo. Então eu estou em contato sempre com o Fábio agora. O Fábio está fazendo a tradução e está surgindo uma conexão muito interessante de várias pessoas trabalhando nisso. Então, estou muito feliz de ver esses paralelos, essas proximidades. E o Kaz tem nos ajudado. Às vezes eu tenho também alguma ideia eu mando para lá e o Kaz responde. Através do Fábio isto está avançando. Então eu fiz umas anotações porque eu achei muito interessante esse Nishiari Bokuzan. Que nasceu em [18]21 e faleceu em 1910. Aí vem esse outro mestre Kosho Uchiyama Roshi que nasce em 1912 e morre em 1998. Agora. Se nós formos olhar assim é agora. Com 85 anos. Ele foi aluno direto de Kodo Sawaki. Esse Kodo Sawaki é um grande mestre. Eu ouvi falar dele várias vezes.

Esse mosteiro de Antaiji é esse em que você pergunta: o que vocês estão fazendo aí? "Nada!" Eles estão fazendo nada. É muito interessante

Então, nós vamos agora interromper a atividade da tarde e nós vamos meditar um pouco e depois nós vamos fazer a dedicação.